



ISSN: 2230-9926

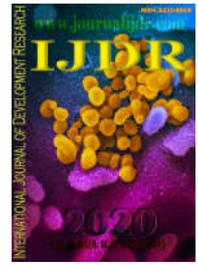
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 11, pp. 42239-42247, November, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.20385.11.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

RESGATE HISTÓRICO DA ENFERMAGEM GLOBAL, BRASILEIRA E GOIANA: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA HISTORICAL RESCUE OF GLOBAL, BRAZILIAN AND GOIANA NURSING: A NARRATIVE LITERATURE REVIEW

¹Mayara Cândida Pereira, ²Maria Liz Cunha de Oliveira, ³Amanda Martins Dos Santos, ⁴Fabiana Claudio Da Silva Costa, ⁵Jackeline Quintino Calassa, ⁶Aline Aparecida Arantes, ⁷Iel Marciano de Moraes Filho, ⁸Osmar Pereira dos Santos, ⁹Maria Luiza Rêgo Bezerra, ¹⁰Thais Vilela de Sousa e ¹¹Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha

¹Enfermeira. Mestre em Gerontologia. Coordenadora do Curso de Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP) campus Brasília. Brasília, DF, Brasil.

²Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Programa de pós-graduação Stricto Senso em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF, Brasil.

^{3,4,5}Enfermeira. Faculdade União de Goyazes. Trindade, GO, Brasil.

⁶Enfermeira. Mestranda em enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, GO, Brasil.

⁷Enfermeiro. Mestre em Ciências Ambientais e Saúde. Doutorando em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (Unievangélica). Docente do curso de Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP). Brasília, DF, Brasil.

⁸Enfermeiro. Mestre em Ciências Ambientais e Doutorando em Educação. Coordenador de estágio do curso de enfermagem da Faculdade União de Goyazes Trindade, GO, Brasil.

⁹Enfermeira. Doutoranda em Bioética e Mestra em Enfermagem pela UnB. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP). Brasília, DF, Brasil

¹⁰Enfermeira. Mestra e Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, GO, Brasil.

¹¹Enfermeira. Doutora em Saúde. Docente da Universidade Estadual do Maranhão. Balsas, MA, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th August, 2020

Received in revised form

28th September, 2020

Accepted 09th October, 2020

Published online 30th November, 2020

Key Words:

História da enfermagem, Brasil, Memória, Educação em Enfermagem.

*Corresponding author:

Virginia Tomaz Machado

ABSTRACT

Objetivo: Descrever o resgate histórico da enfermagem com abordagem nas principais precursoras da profissão no mundo, no Brasil e no Estado de Goiás. **Métodos:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, conduzida no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Portal de Periódicos da CAPES e Pubmed. Para tal, utilizaram-se os termos “histórias da enfermagem” e “memória”. Não houve recorte temporal, pois o intuito foi identificar a evolução da história ao longo do tempo. Foram encontrados um total de 22 produções científicas. **Resultados:** No decorrer da história, a enfermagem encontrou muitas situações difíceis desde um trabalho de sacrifícios até o (re)conhecimento das atividades realizadas, influenciadas por diferentes contextos. Na área de enfermagem alguns nomes se destacam como Florence Nightingale que relutou contra os médicos desenvolver sua missão; Anna Nery montou na própria casa uma enfermaria modelo. Esther Costa Aires elaborou o primeiro trabalho sobre a História da Enfermagem em Goiás, além de Celma Guimarães, autora de importantes obras que abordam a história da enfermagem goiana. **Conclusão:** A enfermagem percorreu longos caminhos durante sua trajetória histórica, e agregados a eles estão acontecimentos, fatos e marcos importantes que transformaram de forma gradativa o que antes era considerado ato de cuidar em ciência.

Copyright © 2020, Mayara Cândida Pereira et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Mayara Cândida Pereira, Maria Liz Cunha de Oliveira, Amanda Martins Dos Santos, Fabiana Claudio Da Silva Costa et al. 2020. “Resgate histórico da enfermagem global, brasileira e goiana: uma revisão narrativa de literatura historical rescue of global, brazilian and goiana nursing: a narrative literature review”, *International Journal of Development Research*, 10, (11), 42239-42247.

INTRODUCTION

O conhecimento da trajetória histórica da Enfermagem nos instiga ao descobrimento da identidade profissional, permitindo uma reflexão quanto a trajetória desde o princípio até a atualidade. Para entender o significado e a importância da enfermagem, faz-se necessário conhecer o seu passado. Conhecer a história da enfermagem, compreendendo sua evolução, despertando no enfermeiro o interesse e o entendimento dos seus deveres, levando-o ao entusiasmo e dedicação a sua profissão. O resgate histórico da enfermagem nos leva a descobrir os caminhos percorridos por nossos antecessores e nos possibilita a descobrir nossas raízes, nos identifica enquanto profissional, nos leva a desbravar um passado instigante, revolucionário e transformador que vivenciou tempos de decadência moral e desvalorização, bem como tempos de ascensão resgatando seus valores. O desenvolvimento da enfermagem aconteceu através dos séculos e esteve acompanhando a evolução da civilização (Silva 2019; Petry *et al.*, 2019). Para a profissão do enfermeiro destacam-se três pontos relevantes e básicos ao nosso cotidiano: o ideal, a arte e a ciência. Aquele que decide trabalhar com o cuidar do doente precisa ter elevado esse espírito nato para que ele possa atingir um grau mais elevado de inclinação e excelência no desenvolvimento da assistência dispensada ao paciente (Paixão, 1979; Padilha *et al.*, 2011). Logo, o ideal foi o primeiro a se desenvolver, mesmo nos tempos antigos ele já existia, sem as habilidades da arte e as descobertas científicas, ele já atuava naturalmente proporcionando e efetivando o que hoje chamamos por objetivos da enfermagem, oferecendo conforto aos doentes, condicionando melhorias físicas e morais, afastando os enfermos dos perigos propícios, ajudando no processo evolutivo e no alcance da cura das doenças. A arte foi se desenvolvendo e em seguida, com os conhecimentos empíricos, as crenças, superstições, essa mistura levou a uma habilidade e improvisos que resultavam na melhora e, às vezes, alcançavam a cura (Paixão, 1979; Chrizostimo, 2015). A ciência chegou bem depois e veio se aperfeiçoando e se destacando com o passar dos tempos. Esses três pontos não se apresentam sempre de forma harmoniosa. Houve época de desigualdade relacionada à religião, às crenças e aos costumes bem como condição social da mulher, essa desigualdade influenciou em tempos de glória e decadência no campo científico e a enfermagem com altos conhecimentos chega à decadência moral. Com a união do espírito de serviço, a arte e ciência levaram a enfermagem a um progressivo desenvolvimento rápido e conciliado (Paixão, 1979; Lima; Guimarães, 2020). Sob esse viés, este estudo objetiva descrever o resgate histórico da enfermagem, com abordagem nas principais precursoras da profissão no mundo, no Brasil e no Estado de Goiás, o que ressalta sua relevância mediante a percepção durante a graduação do curso de Enfermagem, de que a maioria dos acadêmicos desconhecem a história da enfermagem e sua importância na atualidade. Por conseguinte, o enfermeiro que desconhece sua herança profissional possui barreiras nos aspectos da compreensão e do entendimento na constituição da profissão, alienando-se aos ideais da carreira na modernidade e não abarcando os objetivos construtivos dela.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura que consiste na apresentação de informações que proporcionam conhecimentos atuais sobre o tema explorado e enfatiza

lacunas no corpo de pesquisa (ROTHER, 2007). Com efeito de descrever o resgate histórico da enfermagem, com abordagem nas principais precursoras da profissão no mundo, no Brasil e no Estado de Goiás. A busca foi norteada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Portal de Periódicos da CAPES e Pubmed. Para tanto, utilizaram-se os termos “histórias da enfermagem” e “memória” em cada uma das bases e no portal de Periódicos da CAPES. Foram incluídas as produções que continham informações sobre a conceituação da história da enfermagem ao longo do tempo ou, em caso de artigos originais, sobre os achados históricos da enfermagem (história global, no Brasil e no estado de Goiás); os livros clássicos da área; e, as produções que descreveram os principais achados históricos. Não houve recorte temporal, pois o intuito foi identificar a evolução da história ao longo do tempo, bem como as pesquisas realizadas com base nesta temática. Foram excluídos artigos que não abordavam diretamente a temática da história da enfermagem. Com base nos critérios acima, foram encontrados um total de 22 produções científicas. A partir da coleta e análise de dados emergiram quatro categorias temáticas, a saber: *Os achados da história-Enfermagem mundial; Brasil na construção de uma nova profissão - A Enfermagem no cenário nacional; Desenvolvimento do Ensino da Enfermagem no Brasil; e O desenvolvimento da enfermagem no Estado de Goiás*, que será objeto de discussão deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados da história: Enfermagem mundial: O homem primitivo vivia de forma nômade em busca de alimentos como a caça, pesca e frutos. Com o desenvolvimento do cultivo da terra e a domesticação dos animais, deixou de ser nômade e passou ter sua moradia fixa dando início ao processo de civilização. De acordo com registros, o Egito foi considerado durante séculos o berço da civilização humana. Com a civilização, o homem passou a viver de forma aglomerada, acarretando a proliferação e transmissão das doenças no mundo. Hamurabi (1792 a.c-1750), considerado o maior rei babilônico elaborou e compilou a lei sumeriana organizando-as em um código conhecido como Código de Hamurabi que influenciou nas leis de outros povos, dentre as leis escritas, condutas implacáveis direcionadas a sacerdotes que exerciam funções médicas naquela época, das quais havendo erros no procedimento cortavam as mãos do culpado. Ainda na era antes de Cristo, outras normas foram estabelecidas, o Código Mosaico escrito por Moisés que regulamentava práticas religiosas de aspectos sanitários e de saúde, apresentando métodos de prevenção de doenças, notificações de doenças contagiosas; assegurando o isolamento, a quarentena e a desinfecção. Os povos hebreus tinham por hábito o consumo de frutas como figo e uvas, além do azeite de oliveira que tinha finalidade tanto alimentar como medicamentosa. Os hebreus se preocupavam na cocção dos alimentos para assegurar a manutenção da saúde (OGUISSO, 2007). O médico grego Hipócrates (460 a.C. a 355 a.C.), conhecido como o pai da medicina, foi quem separou a medicina do misticismo e da religião, tornando-a científica. Antes disso, a medicina era voltada para o misticismo e mitologia grega. O cuidado como garantia da manutenção da vida segue cronológico e historicamente com homens e mulheres da linhagem *homo sapiens*, passando-se de atos instintivos para ação de proteção desenvolvida pelos xamãs ou feiticeiros, seguidos dos sacerdotes precedidos pelos médicos (Gaita; Fontana, 2018; Silva; Scorsolini-Comin, 2020).

O ato de cuidar permite o desenvolvimento da vida e luta contra a morte. Durante milhares de anos os cuidados eram dados por qualquer pessoa que ajudasse a outra ou ao grupo, garantindo a continuação da vida. Até então, o ato de cuidar não era ofício, menos ainda uma profissão. Mediante a ligação entre a vida e a morte, o cuidar definiu-se por tratar a doença, isolou o indivíduo do meio social e coletivo, passou a ser tratado como um ser individual com suas particularidades, sendo este tratado de forma específica para cada incômodo em sua fisiopatologia. A partir disso, começaram a surgir as especialidades médicas, sendo que os especialistas necessitavam de ajuda para cuidar do doente. Contudo, influenciou a criação e a prática do cuidado e posteriormente contribuiu com o surgimento da profissão de enfermagem (Queirós *et al.*, 2016).

No decorrer da história a enfermagem encontrou muitas situações difíceis desde um trabalho de sacrifícios até o conhecimento das atividades realizadas e influenciadas por diferentes contextos; a enfermagem foi exercida por diversos agentes: mulheres da alta sociedade que praticavam serviços de caridade para com os pobres e doentes, posteriormente, as prostitutas e prisioneiras como forma de castigo, e outros agentes foram os escravos e os religiosos (Danoso; Wiggers, 2020). Na Antiguidade, o ato de cuidar era função exclusiva da igreja. Na Síria, Babilônia, Palestina e Grécia dentre outros países, os sacerdotes eram quem desempenhavam o papel de enfermeiro. A enfermagem hindu foi voltada para o budismo, cuja doutrina de bondade era grande incentivo para o progresso. Os enfermeiros hindus tinham que ser dedicados, cooperativos e puros (Passos, 2012). Na Pérsia e Roma serviam-se dos escravos para cuidar dos doentes. O Japão perdurou até a era cristã os cuidados aos enfermos pelos sacerdotais, e logo após aderiu ao budismo. Na era cristã, o cristianismo constituía a maior e mais profunda revolução social de todos os tempos. Os diáconos e diaconisas prestavam socorros aos pobres e doentes. Com a difusão do cristianismo, muitas damas romanas passaram a se dedicar às pessoas vulneráveis, às condições propícias da pobreza e às doenças. Na Alemanha, França, Itália e Inglaterra, a enfermagem era desenvolvida por monges e pelos conventos femininos como as abadessas através da cristandade. Com os movimentos das cruzadas, houve uma repercussão e decadência nos serviços de enfermagem, levando a um período crítico (Paixão, 1979).

A sociedade passou por várias mudanças. Os militares e os homens de ordem religiosa passaram a ser responsáveis por realizar os cuidados prestados aos doentes. As mulheres virgens, viúvas e monjas também exerciam estes cuidados prestados aos enfermos e aos pobres, para tanto, formaram as congregações. Contudo, surgiram em Roma as primeiras diaconisas, mulheres que a Igreja nomeou como responsáveis por cuidar dos enfermos. As diaconisas receberam este título com a finalidade de distingui-las como honradas, direitas e de caráter das outras mulheres que prestavam estes cuidados, porém, eram malvistas pela sociedade, tendo a sua índole duvidosa, vulgarizada e de caráter não aprovado pela instituição religiosa. Posteriormente, as diaconisas estenderam-se pela Europa e a Ásia (Paixão, 1979). No primeiro século do cristianismo surgiram as precursoras da enfermagem. Elas realizavam visita às pessoas com enfermidades na sua própria residência, essas precursoras eram formadas pela ordem das diaconisas. Durante essas visitas, as diaconisas prestavam os cuidados primordiais com a finalidade de amenizar o sofrimento, dando banho aos doentes com febre, cuidando das

feridas, oferecendo alimento e água, além de remédios caseiros à base de plantas medicinais. Ainda dentre estes cuidados, incluíram-se a limpeza do local onde o doente se encontrava. As diaconisas se mantiveram por um longo tempo com grande importância nos cuidados com a população vulnerável e menos favorecida na sociedade. Porém, com o passar do tempo elas foram deixando de existir (Figueiredo; Peres, 2019). Nos séculos IV e V em Roma surgiram as matronas, mulheres nobres que viviam em palácios e eram provadas da vida social, dedicando o seu tempo ao cristianismo e aos cuidados enfermos e pobres, levando-os para os seus palácios. A primeira matrona romana foi Santa Helena (250-330) ela passou a cuidar com dedicação e generosidade das pessoas necessitadas. Seu filho foi um imperador romano, ele construiu a capital do Império Romano no Oriente, a cidade de Constantinópolis (Arcuri, 1982). Existiram outras matronas, figuras representativas que contribuíram no percurso da enfermagem. Dentre elas: Santa Marcela (d.C. 327), Santa Fabíola e Santa Paula de Roma que foram motivadas por São Jerônimo a desenvolver lideranças em atividades religiosas e carismáticas na sociedade. Estes cuidados prestados aos doentes e aos necessitados eram considerados repulsivos, portanto, era muito raro alguma mulher da nobreza dedicar-se e desempenhar tais funções. O primeiro mosteiro feminino romano surgiu com a transformação do palácio de Marcela, que por influência de São Jerônimo, abdicou-se da vida social e passou juntamente de suas seguidoras a estudar a bíblia e a praticar atos de benevolência aos necessitados e vulneráveis (Arcuri, 1982).

Santa Marcela de Roma se diferenciou entre as matronas devido a sua maneira de cuidar dos doentes e de desenvolver essas atividades, e da forma como ensinava as seguidoras a cuidar dos enfermos. Podendo ser considerada a primeira enfermeira educadora. Seu desempenho estimulou a mulher a dedicar-se aos estudos. Com a invasão de Roma, Marcela foi morta por assassinato praticado pelos bárbaros. (OGUISSO, 2013). Santa Fabíola fundou o primeiro hospital cristão romano, em 390, no seu próprio palácio. Ela prestava cuidados especiais aos doentes considerados repugnantes pela sociedade, com feridas de odor fétido. Toda sua riqueza foi doada para os pobres e necessitados. Quando faleceu, em 399, houve uma grande manifestação por parte das pessoas que receberam os cuidados e os atos de caridade realizados por Fabíola, levando a eternizar seus feitos por parte de São Jerônimo (Stewart; Dock, 1977). Santa Paula, mulher nobre, ajudou São Jerônimo a traduzir a bíblia do hebreu e grego para o latim, influenciada por Marcela, converteu-se ao cristianismo. Após enviuvar-se, iniciou uma peregrinação junto a sua filha à Terra Santa. Organizou um mosteiro e construiu hospitais e albergues com o auxílio de São Jerônimo na Palestina. Após a sua morte, sua filha deu continuidade por mais quinze anos (Oguisso, 2007). Outras figuras reconhecidas como precursoras da enfermagem, pelo cuidado que prestaram a pobres e doentes podem ser citadas: Santa Hildegarda (1098-1179), Santa Isabel de Hungria (1207-1231), Santa Catarina de Siena (1347-1380), São João de Deus (1495 - 1550), São Camilo de Lellis (1550-1614), São Vicente de Paulo (1576-1660), Santa Luísa de Marillac (1591-1660), entre muitos outros. (OGUISSO, 2007). São Francisco de Assis (1182-1226), deixou seus familiares, fez voto de castidade e dedicou-se aos pobres e humildes especialmente aos leprosos fundando a ordem Franciscana. Esta ordem não tinha a finalidade de formar pessoas cuidadoras de doentes, embora as instituições inspiradas nela realizaram obras de misericórdia, inclusive

tratando de doentes, o que de certa forma contribuiu para a consolidação da prática do cuidar (OGUISSO, 2007). Assim como São Francisco de Assis, Santa Clara fundadora da ala feminina da ordem Franciscana, também conhecida como segunda ordem Franciscana ou Clarissa, homens e mulheres que realizavam obras de caridade. Ainda nesse contexto, Santa Hildegarda nascida em 12 de outubro de 1098 em família nobre foi enviada para estudar no convento beneditino na Alemanha aos oito anos de idade. Entrou para o mosteiro tornando-se abadessa, muito dedicada aos estudos, escreveu vários livros, dentre eles dois foram dedicados à medicina, descrevendo doenças, sintomas, causas e tratamento. Dava ênfase no poder do ar puro e na água limpa. Portava-se de um amplo conhecimento em ciências naturais, filosofia, medicina, enfermagem e música (OGUISSO, 2007). Santa Izabel, nascida 07 de julho de 1207 em Hungria, viveu na casa Real da Hungria, foi mãe de quatro filhos. Seu esposo compreensivo deu apoio aos seus serviços carismáticos aos vulneráveis, chegando a ajudá-la a construir hospitais na Alemanha. Em uma das cruzadas, ficou viúva, desde então, Santa Izabel foi expulsa da casa real pelos familiares do seu esposo, pois eles achavam que o seu trabalho de caridade era excêntrico. Contudo, passou a viver com os pobres e doentes, cuidando de suas necessidades, como banhos aos leprosos, curativos e alimentação, repartindo seu próprio alimento (OGUISSO, 2007). Santa Catarina nasceu no dia 25 de março de 1347 em Siena, na Itália. Vindo de uma família simples que não lhe apoiava em seus serviços de caridade, andava pelas ruas à procura de doentes ou em suas casas e os levava para os hospitais, realizava essa busca dia e noite incansavelmente, usando uma lamparina para a procura noturna. Aos 24 anos de idade foi alfabetizada e ingressou na Terceira Ordem Dominicana. O Hospital Escala que se encontrava em ruínas foi reconstruído séculos depois em sua homenagem, conservando o seu quarto e a lâmpada que usava a procura de doentes (OGUISSO, 2007).

São Camilo de Lellis nasceu na Itália em 1550. Seguiu a carreira militar, prestou serviços de cuidados aos doentes do Hospital São Giacomino como forma de pagamento ao tratamento de uma ferida (chaga) de difícil cicatrização que acometeu em seu pé direito. Ao observar os doentes abandonados, sem assistência, instituiu uma campanha de homens dedicados a cuidar dos pobres e doentes voluntariamente. Ingressando na Companhia de tornou-se padre jesuíta em 1584, fundou a Congregação dos Ministros dos Enfermos, sendo reconhecida no ano de 1586 pelo Papa Sisto V, autorizando uma Cruz vermelha no manto e na batina, na altura do peito de tamanho grande, e também, a licença para professor e os votos de castidade, obediência e pobreza (OGUISSO, 2007). Na época em que foi instituída a congregação, toda a Europa, em especial Roma, enfrentava uma grande epidemia de peste e fome. São Camilo se mobilizou juntamente aos irmãos congressistas, solicitavam aos assistentes do papa, aos nobres e aos ricos que contribuíssem para arrecadação de alimentos e a formação de um exército pequeno constituído por médicos, enfermeiros e farmacêuticos para que fossem atendidos e recebessem cuidados as doentes vítimas da fome e da peste (OGUISSO, 2007). Nesse cenário, outro sacerdote foi fundamental. São Vicente de Paulo nasceu na França no ano de 1575, de família camponesa. Durante a Guerra dos Trinta Anos, quando os países enfrentavam uma grande crise, São Vicente desenvolveu suas obras de caridade. Tornou-se sacerdote da ordem de São Francisco de Assis e vigário de uma paróquia,

realizava visitas domiciliares aos doentes. Viajou realizando missões, viveu em cativo, desenvolveu conhecimentos medicinais e aprendeu a tratar de doentes. Ao retornar a sua cidade natal, Paris, viveu perto de um abrigo de doentes que recebia serviços e cuidados dos voluntários prestados pela nobreza em ajuda aos irmãos de São João de Deus. Encontrou uma família doente vivendo em condições de pobreza, pediu ajuda aos Aristócrates, desde então, despertou o interesse em cuidar das pessoas (OGUISSO, 2007). Luiza de Marillac, nascida na França, em 1591, de família abastada, ao ficar viúva dedicou-se a cuidar dos pobres e doentes. No século XVII, em 1633, foi fundada a Companhia das Irmãs de Caridade por Luiza de Marillac e São Vicente de Paulo. Esta companhia tinha por finalidade cuidar dos doentes, alimentar os pobres e realizar visitas nos domicílios dos necessitados. Foi uma das pioneiras em realizar visitas e prestar cuidados de enfermagem durante essas visitas, dando início também aos serviços de assistência social (PADILHA, 2005). Juntos, São Vicente e Luiza de Marillac reformularam os hospitais da época, instituíram a higiene no ambiente, a individualização dos leitos, e tomaram toda diligência no desenvolvimento do cuidar no hospital. Luiza de Marillac também foi responsável por ensinar jovens aldeãs nas paróquias a tratar de doentes, curarem feridas e prestar serviços aos pobres. Por ser a primeira superiora, tinha autonomia para mudar as jovens de paróquia e de ofício, bem como despedir as que não fossem qualificadas para tais funções (PADILHA, 2005). Um nome a ser citado na área de enfermagem, tendo uma participação na história, foi Theodor Fliedner (1800-1864). Pastor jovem, nascido na Alemanha, viajou para Holanda e Inglaterra, visitou vários lugares observando como eram tratados os pobres e doentes, e após as guerras napoleônicas que causou devastações e proliferações de doenças em órfãos e pobres na Alemanha.

Na Holanda conheceu o trabalho realizado pelas diaconisas. Na Inglaterra, Theodor Fliedner conheceu Elizabeth Fry, uma dama da sociedade que prestava serviços e cuidados aos doentes e aos pobres. Fliedner se casou com Frederika que dedicava a cuidar de órfãos e doentes (HAUSER, 2016). Nessa circunstância, Fliedner fundou uma escola de enfermagem com o nome de Diaconisas de Kaiser Werth, comprou uma casa que serviu de abrigo e hospital para os doentes. Um importante mérito do pastor Fliedner, que criou uma escola para preparar mulheres para cuidar de doentes, foi ter recebido em sua instituição Florence Nightingale em 1851, a quem deu a oportunidade de estudar e aprender a cuidar de doentes e feridos (OGUISSO, 2007). Florence Nightingale foi outra importante precursora da enfermagem, nasceu no dia 12 de maio de 1820 na cidade de Florença na Itália, em uma família rica e aristocrática. Era a segunda filha do casal Fanny e William Edward Nightingale, precedida por Parthenope, que havia nascido um ano antes, também na Itália, na cidade de Nápoles. Relutou contra os médicos da época para desenvolver sua missão, mesmo sendo filha da nobreza, não se permitiu o luxo durante os trabalhos realizados na Criméia. Participou da limpeza do chão, lavagem das roupas, dos leitos e dos doentes, cuidava para manter a higiene na preparação dos alimentos, percebeu a importância da luz e o ar puro para acelerar o processo de cura das enfermidades. Durante a noite usava uma lâmpada para enxergar na escuridão dos corredores e enfermarias os soldados feridos que gemiam de dor e sangravam. Assim, ficou conhecida como a dama da lâmpada. Um dos grandes fatores do êxito do trabalho de Florence foi a seleção rigorosa das candidatas à enfermeira (OGUISSO,

2007). Dentre o sistema revolucionário nightigaleano estão alguns pontos relevantes: Direção da escola de enfermagem por uma enfermeira, mais ensino metódico e seleção rigorosa das candidatas. Florence expandiu pelo mundo uma nova concepção de enfermeiras que transformou a enfermagem de sua época deixando seu legado até os dias atuais (MALAGUTI; MIRANDA, 2011). Durante seus trabalhos desenvolvidos, Florence adoeceu, adquiriu tifo e voltou para casa, foi premiada e homenageada pelo governo inglês, recebendo inúmeras medalhas. Nightingale é considerada a fundadora da Enfermagem Moderna em todo o mundo, obtendo maior projeção a partir de sua participação como voluntária na Guerra da Criméia (PORTO, 2013).

Outra personalidade na história da enfermagem é São João de Deus, nascido na cidade de Évora em Portugal no ano de 1945, porém, viveu grande parte de sua vida na Espanha. Em sua juventude foi pastor de rebanhos e mais tarde tornou-se soldado. Com 40 anos de idade deixou a carreira militar e foi viver em uma fazenda cuidando de cavalos, percebendo então que estes animais recebiam cuidados melhores que os seres humanos. Logo mudou-se para Granada, na Espanha, aonde começou a acolher os desamparados, carregou no ombro os incapacitados de andar e os levou para sua casa. Solicitava e recolhia doações para conseguir alimentos e remédios (OGUISSO, 2007). Após receber a visita de um bispo que o incentivou a usar hábito e adotar o nome de São João de Deus para que recebesse muito mais doativos, conseguiu construir um hospital que, posteriormente, levou o seu nome, São João de Deus de Granada. Este hospital teve como destaque leitos individualizados, sendo novidade naquela época, visto que os leitos eram uma cama grande e compartilhada por vários doentes. Houve também a separação dos pacientes com doenças contagiosas e um setor para atender pacientes que não necessitavam de internação. São João de Deus também se dedicou a acolher crianças abandonadas cuidando delas até encontrar famílias que as adotassem, pessoas acometidas portadoras de doenças ou retardamento mental, surgindo assim a Ordem dos Irmãos Hospitaleiros de João de Deus (OGUISSO, 2007).

Brasil na construção de uma nova profissão: A Enfermagem no cenário nacional: Desde os seus primórdios, a Enfermagem vem exercendo um trabalho acrítico, fruto de uma formação em que o modelo de assistência era centrado na execução de tarefas e procedimentos rápidos e eficientes, comandado por rígida disciplina. O desenvolvimento das práticas de saúde está intimamente associado às estruturas sociais das diferentes nações em épocas diversas. Cada período histórico é determinado por uma formação social específica, trazendo consigo uma caracterização própria que engloba sua filosofia, sua política, suas leis e sua ideologia (GEOVANINI *et al.*, 2005). No que diz respeito à saúde do nosso povo, merece destaque o Padre José de Anchieta. Ele não se limitou ao ensino de ciências e catequeses, foi além, pois atendia as necessidades do povo, exercendo atividades de médico e enfermeiro. Outra figura de destaque é Frei Fabiano de Cristo, que durante 40 anos, exerceu atividades de enfermeiro no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, no século XVIII (GEOVANINI *et al.*, 2005). Em 1738, Romão de Matos Duarte consegue fundar no Rio de Janeiro a Casa dos Expostos. Somente em 1822, o Brasil tomou as primeiras medidas de proteção à maternidade que se conhecem na legislação mundial, graças à atuação de José Bonifácio Andrada e Silva.

A primeira sala de partos funcionava na Casa dos Expostos em 1822. Em 1832, organizou-se o ensino médico e foi criada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A escola de parteiras da Faculdade de Medicina diplomou no ano seguinte a célebre Madame Durocher, a primeira parteira formada no Brasil (ABEN-PE, [n.d.]). Na enfermagem brasileira no tempo do Império, raros nomes se destacaram e, entre eles, merece especial menção o de Anna Justina Ferreira Nery nascida em Vila da Cachoeira de Paraguaçu-BA, em 13 de dezembro de 1814. Anna Nery solicitou ao presidente da Província da Bahia poder acompanhar os filhos e o irmão convocados para a Guerra do Paraguai (1864-1870), ou no mínimo prestar serviços voluntários nos hospitais do Rio Grande do Sul, embarcou em Salvador com a tropa do 10º Batalhão de Voluntários da Pátria em agosto de 1865 na qualidade de enfermeira. Com seus recursos, ela montou na própria casa onde morava, uma enfermaria limpa e modelo. Ali trabalhou abnegadamente, até o fim da guerra.

A partir deste contexto, ofereceu seus serviços como enfermeira ao presidente da província enquanto durasse o conflito. Durante toda a Guerra do Paraguai, prestou serviços nos hospitais militares de Salto, Corrientes (Argentina), Humaitá e Assunção (Paraguai), bem como nos hospitais da frente de operações. Viu morrer na luta um de seus filhos e um sobrinho. Anna Nery foi contemporânea de Florence Nightingale, mas não existem indicações de que elas sabiam da existência uma da outra. No entanto, foram semelhantes na maneira de agir: ambas ricas, estudadas, cultas e políglotas, severas, disciplinadoras e dedicadas às tarefas de cuidar dos sofredores nas guerras em que participaram ativamente. Anna Nery, na Guerra do Paraguai e Florence, na Guerra da Criméia (ABEN-PE, [n.d.]). Rachel S. Haddock Lobo, nascida no Rio de Janeiro, no dia 18 de junho de 1891, recebeu educação em colégio católico e tradicional do Rio de Janeiro. A formação em Enfermagem foi na França, e complementou estudos na Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN). Trabalhou na área de saúde pública e dirigiu os serviços de enfermagem no Hospital Paula Cândido, no Rio de Janeiro. Em 1927, como bolsista, frequentou o Hospital Geral de Filadélfia e o *Teachers College*, da Universidade de Columbia, Nova York. Auxiliou as fundadoras da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras.

Em 1931, foi designada como a primeira diretora brasileira da Escola de Enfermagem Anna Nery (SANTOS; BARREIRA, 2002). Waleska Paixão, que nasceu no dia 3 de novembro de 1903, em Petrópolis, Rio de Janeiro, originária de família de educadores, lecionou e dirigiu colégios no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Concluiu o curso de enfermagem em 1939, na Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Fez cursos de Filosofia, Sociologia e Moral; ocupou o cargo de Diretora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Belo Horizonte. Lutou para preservar a enfermagem como uma profissão liberal. Auxiliou a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED) nos temas referentes à Educação de Enfermagem. Em 1947, foi eleita primeira presidente da seção da ABED de Minas Gerais. Lutou por questões relacionadas à elaboração do Código de Ética das Escolas de Enfermagem. Em 1950, Waleska assumiu a direção da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), permanecendo até 1967. O livro *Páginas de História de Enfermagem* é um marco nos estudos da história da enfermagem (AZEVEDO *et al.*, 2009). Glete de Alcântara nasceu em 1910, em Minas Gerais. Em São Paulo, graduou-se na Escola Normal e como Educadora Sanitária.

Em 1941, foi indicada para concluir um curso de Enfermagem no Canadá. Retornou ao Brasil em 1944, revalidou o diploma na Escola de Enfermagem Anna Nery, lecionou na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) até 1952. Em 1952, através de convite do professor Zeferino Vaz, diretor da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto, foi convidada a organizar a Faculdade de Enfermagem em Ribeirão. Dirigiu a escola que fundou até 1971, paralelamente, colaborou na Associação Brasileira de Enfermagem e exerceu por duas vezes a presidência da entidade. Desempenhou papel importante nos Congressos Internacionais de Enfermagem, sobretudo, os relacionados ao Conselho Internacional de Enfermeiros - ICN (MENDES *et al.*, 2002).

Madre Marie Domineuc, nasceu na Bretanha, França, em 1911, graduou-se pela Escola de Enfermagem de Paris. Veio para o Brasil com 24 anos. Em 1938 atuou e organizou os serviços de enfermagem do Hospital São Paulo. Organizou a fundação da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, hoje, Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. Em 1939, fundou o Amparo Maternal que tem como objetivo fundamental assistir à mãe desamparada. Embora não tenha nascido no Brasil, revelou-se uma brasileira lutadora que buscava o melhor para a profissão. Seu lema: nunca recusar ninguém que precisasse de auxílio (ABENFO-SP, 2011). Olga Verderese nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 1917. Fez curso de graduação de 1944 a 1947, foi aluna da segunda turma da escola de Enfermagem da USP. Assumiu a responsabilidade juntamente a outras líderes pela implantação e direção de escolas de enfermagem no Sul e no Nordeste. Destacou-se na Universidade Federal da Bahia, em 1947 e nas Escolas de Enfermagem de Porto Alegre, em 1950. Organizou a Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas-ABED, seção Bahia, oficializada em 12 de maio de 1948 e foi a primeira presidente. Fundadora e primeira presidente da ABED, seção Rio Grande do Sul. Supervisora de campo do Centro de Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem, entre 1957 e 1958. Foi consultora regional em educação de Enfermagem da Organização Pan-Americana de Saúde de 1958 a 1980. Neste período atuou no México, Cuba, República Dominicana e Haiti até 1966 e, posteriormente, em Washington, Estados Unidos, América Latina e Canadá. Faleceu em 2004 (MANCIA; SALLES; PADILHA, 2008).

Wanda de Aguiar Horta nasceu em Belém do Pará em 1926. O seu primeiro emprego foi em Curitiba no Posto de Puericultura da Legião Brasileira de Assistência. Após ter se formado, trabalhou 10 anos como enfermeira em diversos setores hospitalares e de Saúde Pública. Em 1959, tornou-se docente na Escola de Enfermagem da USP. Criou a Teoria das Necessidades Humanas Básicas por fundamento, estabeleceu a metodologia ou Processo de Enfermagem em seis fases: histórico, diagnóstico, plano assistencial, plano de cuidados, evolução e prognóstico, que serve de referência para as enfermeiras na área de ensino e assistencial. Em 1977, foi promovida à professora titular da Escola de Enfermagem da USP. Aposentou em 1981, vindo a falecer no mesmo ano. Teve como lema “Enfermagem: gente que cuida de gente” (GONÇALVES, 1988).

Desenvolvimento do Ensino da Enfermagem no Brasil: Institucionalizada na Inglaterra no século XIX, através de Florence Nightingale, e no Brasil, no século XX. No mundo ocidental moderno, diante do sistema social capitalista, vamos

encontrar os enfermeiros distantes de suas bases fundamentais e de sua função precípua, que é o ato de cuidar. A institucionalização do ensino de Enfermagem em nosso país é o resultado de um processo político que não se dá apenas intra-hospício, mas sim que, ultrapassando os seus muros, confronta os poderes do clero, do Estado e da medicina. Portanto, a escola nasceu dentro de um contexto conflitante entre a Igreja e o Estado, dentro de uma Psiquiatria que estava tentando se impor pela medicalização do espaço hospitalar, precisando para tal, arregimentar aliados que levassem a cabo tal incumbência (GEOVANINI *et al.*, 2005 p.83). Tendo em vista a deficiência de infraestrutura no funcionamento hospitalar e na assistência exercida pelo pessoal não qualificado, apesar das medidas tomadas, frutificou a ideia de criação de uma escola para preparar o pessoal de enfermagem para o Hospital Nacional de Alienados e os hospitais civis e militares do Rio de Janeiro. Essa ideia foi concretizada em 27 de setembro de 1890, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, chefe do governo Provisório da República, que criou, pelo Decreto 79, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, ficando oficialmente instituído o Ensino de Enfermagem no Brasil.

[...] A escola de Enfermeiras, pois, que o decreto que vos ofereço tende a criar, abre, me parece, um campo vastíssimo à atividade da mulher, onde, por sua delicadeza de sentimentos e apuro de carinhos, não terá competidores, quer junto aos leitos dos enfermos hospitalares, quer nas casas particulares onde serão o complemento do médico. O desagradável incidente ocorrido, ultimamente, no Hospital Nacional de alienados, deixado se improvisado pelas irmãs da caridade, que abandonaram cerca de 500 infelizes, antes que chegassem as enfermeiras de ordem secular contratadas na França, põe em evidencia quanto há de urgente nas providencias que proponho [...] (GEOVANINI *et al.*, 2005, p.85).

A fim de aclarar a ideia da vinda das enfermeiras de ordem secular francesa, considera-se que a França, desde os tempos mais remotos, foi modelo das organizações hospitalares para toda a Europa e o resto do mundo, principalmente se tratando da psiquiatria. Dessa forma, tendo sido a escola criada em 1890, beneficiou-se dos préstimos e orientações das enfermeiras francesas, uma vez que, do ponto de vista da autonomia administrativa e econômica, era mantida à sombra das injunções do Hospital Nacional de Alienados, qual funcionava em condições precárias. Sob essa ótica, a enfermagem no Brasil teve como princípio o processo de institucionalização do seu ensino, tendo em vista a necessidade de suprir a deficiência de mão de obra acentuada com a saída das religiosas dos hospícios e de dar a oportunidade de profissionalização para as mulheres que sofriam preconceitos a deixarem seu lar para cuidar dos enfermos. Instituiu-se juntamente a mão de obra barata e a criação do projeto de controle social, que se estabelecia com a criação da psiquiatria (GEOVANINI *et al.*, 2005). Logo, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), foi criada pelo Decreto 791, de 27 de setembro de 1890, com o objetivo imediato de resolver a crise de pessoal do Hospital Nacional de alienados. Observa-se no artigo 1º do referido decreto, que a escola se destinava a preparar enfermeiros e enfermeiras para trabalhar nos hospícios e hospitais civis e militares. Durante muitos anos, a EPEE funcionou com muitas dificuldades, por falta de recursos próprios e apoio daqueles que deveriam compreender sua finalidade, sobretudo, numa época de absoluta falta de enfermeiras. O atendimento da escola era objetivamente para os doentes do Hospital Nacional de

Alienados, para as grandes epidemias e endemias, o governo de Oswaldo Cruz contava apenas com alguns médicos e nenhum outro profissional qualificado no setor da saúde (GEOVANINI *et al.*, 2005). Em 1905, data da reinauguração da EPEE frequentou a escola 23 alunos, sendo 16 homens e 07 mulheres. A duração do curso manteve-se em 02 anos, dessa forma, foi elaborado um currículo mais adequado de ensino de enfermagem no Brasil: Anatomia e fisiologia elementares; pequena farmácia e administração de medicamentos; curativos e pequenas cirurgias; higiene oral e tratamento aos alienados; cuidados e tratamentos aos alienados e prática administrativa e disciplinar (GEOVANINI *et al.*, 2005). Já em 1921, a EPEE passou a se chamar Escola Profissional de Enfermagem Alfredo Pinto, que recebeu seu nome devido ao Dr. Alfredo Pinto, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, ter aprovado o novo regimento da escola. Regimento que estabeleceu três divisões da escola: a feminina, a masculina e a mista. A seção masculina não vingou, prevalecendo apenas seção feminina e mista. A escola funcionou com grandes dificuldades, sem localização própria, formou a primeira turma em 1921, deduz-se que os alunos desistiam antes da conclusão do curso devido à extensão e complexidade do currículo (GEOVANINI *et al.*, 2005).

O Decreto de Lei 3.171/41 concedeu maior autonomia à escola, ligando diretamente ao Serviço Nacional de Doenças Mentais. O Decreto 4.725, de setembro de 1942 formalizou a união da seção feminina e mista, da qual passou a funcionar em uma única sede. Pelo decreto 10.472 de 1942 foi aprovado o regulamento da escola, instituindo um ensino em modelo das exigências técnicas da Enfermagem da época, sendo modificados os objetivos da escola que era preparar enfermeiros auxiliares para os serviços sanitários e assistenciais e promover a especialização em serviços psiquiátricos de enfermeiros diplomados (GEOVANINI *et al.*, 2005). Mesmo não sendo a primeira escola fundada, a Escola Anna Nery foi a primeira a ser estruturada segundo modernos padrões do ensino da enfermagem (LIMA;BAPTISTA, 2000). A escola fundada em 1923, com a finalidade imediata de formar enfermeiros; para Saúde Pública, ademais de desempenhar uma função de representantes da autoridade sanitária, visando as habitações populares como cortiços e favelas, dando conselhos, prestando cuidados e efetivando a vigilância do corpo social (GEOVANINI *et al.*, 2005). Até 1942, a Escola foi dirigida por médicos. A partir de 1943, a direção passou às mãos de uma enfermeira, Maria Castro Pamphiro, formada na primeira turma da Escola de Enfermagem Anna Nery.

A escola Anna Nery, esteve sob a direção das enfermeiras americanas, de 1922 a 1938. As enfermeiras americanas tiveram a preocupação de garantir, por meio de legislações a continuidade da estrutura do serviço de enfermagem implantada, seu funcionamento, assim como modelo de formação da escola Anna Nery e demais escola criada no país (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2006). De acordo com o decreto nº 20.109/31 foi regulamentado o exercício da Enfermagem no Brasil e fixado as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. Outrossim, a lei nº 2.604 do livre exercício de enfermagem em todo território nacional. Foi atribuída aos enfermeiros, além do exercício de enfermagem, a direção da equipe de enfermagem, composta por auxiliares e técnicos de enfermagem, assim como a participação do ensino em escolas de enfermagem (SANTOS; ASSIS; MENEZES, 2006).

Sabe-se que as normas e leis que regem a profissão são elaboradas pelo Conselho Federal de Enfermagem-COFEN, e fiscalizados pelo Conselho Regional de Enfermagem-COREN de cada estado, ambos foram criados em 12 de julho de 1973, por meio da Lei 5.905. A parte científica da enfermagem fica sob responsabilidade da Associação Brasileira de Enfermagem-ABEN, fundada em 1926, sob a denominação da Associação Nacional de Enfermeiras Brasileiras Diplomadas. Como entidade de âmbito nacional, é reconhecida como de Utilidade Pública, conforme Decreto Federal Nº. 31.417/52.

Nos dias atuais, a enfermagem é maneada por diretrizes curriculares nacionais, tendo como objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das competências e habilidades gerais, tais como, atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento, e educação permanente, como consta na Resolução nº 3, de 07 de Novembro de 2001, do Conselho Nacional de Educação.

O desenvolvimento da enfermagem no Estado de Goiás: As primeiras instituições de ensino de enfermagem criadas no Estado de Goiás foram: uma na cidade de Anápolis em 1933 e a outra na cidade de Rio Verde, fundada em 1937, implantadas por médicos missionários protestantes e funcionaram até 1947, em Anápolis, e 1953 na cidade de Rio Verde sem o devido reconhecimento da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) (GUIMARÃES *apud* BRETAS, 2001). No ano de 1933, ocorreu a mudança da capital do Estado, então atual Cidade de Goiás para Goiânia, sendo iniciativa do Governo Getúlio Vargas reforçando a proposta do Governo Dom Marcos de Noronha em meados do século XVIII. No ano de 1937, foi inaugurada a Santa Casa de Misericórdia de Goiânia por idealização da primeira dama do Estado D. Gercina Borges Teixeira, em consonância com a Irmandade de São Vicente de Paulo, tendo como presidente o Senhor Germano Roriz (ORIENTE, 1981, *apud* GUIMARÃES, 2014).

Com o aumento da população na cidade de Goiânia na década de 1940, gerou agravos à saúde devido à falta de infraestrutura adequada, ocorrendo a ideia de trazer para a capital um curso de enfermagem. Assim, durante o período compreendido entre 20 de junho de 1941 e 02 de outubro de 1942, o Arcebispo de Goiás Dom Emanuel Gomes de Oliveira empreendeu esforços junto a provincial Filhas da Caridade (na época, Irmã Antoniette Blanchot) com sede no Rio Janeiro, para o envio de irmãs enfermeiras (GUIMARÃES, 2014). A criação da Santa Casa e a eclosão da Segunda Guerra Mundial evidenciaram a necessidade de se contar em Goiânia, com pessoal de enfermagem capacitado para socorros de urgência e atendimento às gestantes e crianças. A denominada Escola de Enfermagem e Assistência Social, criada em 18 de maio de 1941 e instalada em 20 de junho do mesmo ano na Santa Casa, tinha como finalidade “preparar enfermeiras para a assistência à maternidade, infância e adolescência” (GUIMARÃES, 2014; ARAÚJO; SALUM, 1997, p.117).

Esta escola ministrava um curso de curta duração, ou seja, 05 meses. Foram duas turmas que diplomaram 35 mulheres dos estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Pará, Distrito Federal e uma estadunidense, no entanto, essas diplomadas não foram intituladas como enfermeiras, e sim, Samaritanas Socorristas. Entre as diplomadas, incluíam-se jovens da alta sociedade goianiense, como Livia Borges Teixeira, Ophelia Sócrates do Nascimento Monteiro, Zilanh Fleury Curado, Amália Hermano Teixeira (GUIMARÃES, 2014).

Aos 02 de outubro de 1942, chegaram a Goiânia seis filhas de caridade de São Vicente de Paulo e Santa Luiza de Marillac, assumindo a coordenação e organização do serviço de enfermagem, sendo elas: Irmã Ercília Fernandes, Irmã Maria Inês, Irmã Luiza, Irmã Lage, Irmã Julieta Morganti e Irmã Jeanne Saboya. Na administração e nos serviços de secretaria, trabalharam Irmã Julieta Morganti e Irmã Josefa Dias Lima (Irmã Luiza), que mais tarde fariam curso de Enfermagem e ingressariam no quadro de professoras. Irmã Julieta Morganti recebeu o diploma de enfermeira em 1946, e, Irmã Josefa Dias Lima, em 1948 (ARAÚJO; SALUM, 1997). Com o local definido para a construção da escola, as irmãs concentraram seus esforços na organização do curso de enfermagem e do primeiro processo seletivo que ocorreu aos 10 dias do mês de outubro de 1942, oito dias após a sua chegada. A escola, a partir disso, passou a ser denominada Escola de Enfermeiras do Hospital São Vicente de Paulo (EESVP). O curso seguiu os moldes da Escola de Enfermeiras Anna Nery, bem como as orientações de São Vicente de Paulo, inserindo no currículo, como fonte de reflexão e apoio, as várias disciplinas que compunham a grade curricular da escola-modelo (GUIMARÃES, 2015).

No dia 09 de maio de 1944, foi concebido pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, conforme exigência legal do Ministério da Educação e Saúde, a equiparação da Escola de Enfermagem e Hospital São Vicente de Paulo (EEHSVP) à Escola de Enfermeiras Anna Nery. Em 1949, foi reconhecida também pela Lei nº 775/49. O quadro docente da escola na década de 1940 contou com os expoentes na área da saúde que residiam na capital e lecionavam recebendo remuneração simbólica ou nenhuma remuneração. No dia 28 de novembro de 1945, ocorreu a solenidade de colação de grau da primeira turma de enfermagem, fato amplamente noticiado pelos meios de comunicação da época (GUIMARÃES, 2014). Senhor Germano Roriz e senhor José Sêneca Lobo foram presidentes da Conferência São Vicente de Paulo, mantenedora da escola desde sua fundação até 1957. Irmã Edmar Airlie Nina, terceira diretora, sempre empenhada em promover a Escola pela participação das alunas em Congressos e Campos de estágios, nos centros mais avançados do país. Dom Fernando Gomes dos Santos chega a Goiânia em 1957, com o professor Genesco Bretas, presidente da conferência São Vicente de Paulo. Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, primeiro presidente do Conselho Consultivo após a escola passar à administração das Filhas da Caridade (ARAÚJO; SALUM, 1997).

Em março de 1958, o movimento para criação da Universidade Católica toma impulso e o Reverendíssimo Dom Fernando Gomes dos Santos envia o padre Francisco Machado e o professor Jerônimo de Queiroz, para convidar a Escola de Enfermagem a participar como unidade da futura universidade. Na ocasião, apresenta à direção da Escola o anteprojeto de estatuto para a Universidade de Goiás, a primeira a se instalar no Brasil Central com data prevista para setembro de 1958 (ARAÚJO; SALUM, 1997). Vale destacar alguns nomes da história de Enfermagem em Goiânia: O Arcebispo de Goiás Dom Emanuel Gomes de Oliveira, fundador da Escola Irmã Antoinette Blanchot, provincial das Filhas da Caridade na época da fundação que dedicava especial carinho à Escola e a Goiânia. Irmã Josefa Dias Lima (Irmã Luiza) exerceu atividades administrativas e de secretaria na Escola. Diplomou-se em enfermagem pela Escola São Vicente de Paulo. Assumiu a direção em 1963, por ocasião da mudança curricular (curso de nível superior), exercendo o cargo até

1973. Ela era dinâmica e dotada de grande carisma, trabalhadora e exercia forte liderança na área da enfermagem (ARAÚJO; SALUM, 1997).

Podemos citar também Irmã Lydia de Paiva Lima que lançou os alicerces como primeira diretora, Irmã Mônica Lirna, segunda diretora e Irmã Maria Luiza Breyer, primeira secretaria oficial, organizaram o primeiro Estatuto e Regimento Interno da Instituição em 1948. Marlene Maria de Carvalho Salum, diretora do Departamento de Enfermagem, no período 1974-1981 e 1995-1998. Enfrentou grandes dificuldades durante o primeiro mandato, ocasionadas por modificações curriculares, aumento da demanda e a própria mudança institucional. Maria da Conceição Viana (Irmã Ângela) foi docente do Curso de Enfermagem durante vários anos. Especializou-se em Administração Hospitalar na Faculdade de Saúde Pública-USP. Preocupada com as dificuldades existentes na época encontradas pelos estudantes quanto à bibliografia disponível na área, elaborou uma apostila que foi utilizada durante vários anos. Possuía conhecimento aprofundado de Centro Cirúrgico e Planejamento Hospitalar. Foi diretora do curso de Enfermagem da Universidade Católica de Goiás (ENF/UCG) no período de 1981-1983 (GUIMARÃES, 2014).

Destaca-se ainda Irmã Presciliana da Conceição Araújo, professora do Curso de Enfermagem durante vários anos. Realizou curso de mestrado na Guatemala e era profunda conhecedora da área de Enfermagem Obstetrícia. Esther Costa Aires, professora de ENF/UCG no período de 1978-1985. Especialista em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública do Rio de Janeiro. Elaborou o primeiro trabalho sobre a História da Enfermagem em Goiás no ano de 1985. Celma Martins Guimarães foi a primeira enfermeira goiana a obter título de doutora e a primeira a realizar pós-doutorado (USP-1994), desencadeando a implantação desse programa na área da enfermagem no Brasil. Foi diretora do ENF-UCG no período de 1987-1989. Criou o Núcleo de Pesquisas em Saúde e Sociedade (NESP-ENF) em 1995 (GUIMARÃES, 2014). Atualmente, no estado de Goiás contamos com 50 instituições que oferece o curso de graduação em enfermagem, comprovando a sua difusão no estado de Goiás. A enfermagem percorreu longos caminhos durante sua trajetória histórica, e agregados a eles estão acontecimentos, fatos e marcos importantes que transformaram de forma gradativa o que antes era considerado ato de cuidar em ciência. Com o passar dos tempos, a função de cuidar dos doentes foi se distinguindo pelo mundo e se transformando passo a passo. Sendo desenvolvida por vários personagens que contribuíram e construíram nossa história, deixando um legado instigante e transformador.

Considerações Finais

Este estudo visou contribuir para que os acadêmicos e os profissionais de enfermagem possam conhecer o passado, as origens da enfermagem, as precursoras, a história, para que eles entendam como chegamos ao atual patamar evolutivo da profissão. Na literatura brasileira, ainda há muito o que se resgatar, pois são inúmeros personagens que se encontram na obscuridade. Esperamos que outros possam dar continuidade neste resgate, descobrindo e relatando as maravilhas transformadoras e legados que fazem com que hoje a enfermagem seja reconhecida em sua plenitude mundialmente.

REFERÊNCIAS

- ABEN/PE. História da Enfermagem: As Práticas De Saúde ao Longo da História e Desenvolvimento das Práticas de Enfermagem, Seção Pernambuco, [n.d.].
- ABENFO/SP. Boletim Informativo da Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras, Seção São Paulo, 2011.
- ARAÚJO, P. C.; SALUM, M. M. C., História da Escola de Enfermagem. *Estudos*. Goiânia, v.24, n.1/2, p.117-124, jan./jun.1997.
- ARCURI, E. A. M. Conheça um pouco de sua opção: enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 16(2):127-36, ago. 1982.
- AZEVEDO, J.M., *et al.*, Waleska Paixão: Uma biografia a serviço da enfermagem, 2009.
- BARREIRA, I.A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. *Rev. latino-am. enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, julho 1999.
- CAVALCANTI, S.C.M.*et al.*, A evolução da Enfermagem: um recorte histórico, político e cultural. Não datado.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CHRIZOSTIMO, M. M.; BRANDÃO, A. A. P. A formação profissional do enfermeiro: 'estado da arte'. *Enfermeria Global* [Internet]. 2015, n. 40. Disponível em: http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n40/pt_revision5.pdf.
- FIGUEIREDO, M. A. G.; PERES, M. A. A. Identidade da enfermeira: uma reflexão iluminada pela perspectiva de Dubar. *Rev. Enf. Ref.* [Internet]. 2019. vol.serIV no.20. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV18079>.
- GAITA, M. C.; FONTANA, R. T. Percepções e saberes sobre a segurança do Paciente Pediátrico. *Esc. Anna Nery* [Internet]. 2018. vol.22 no.4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0223>.
- GEOVANINI, Telma., *et al.*, História da Enfermagem - versos e interpretações. 2ª edição. Rio de Janeiro - RJ: REVINTER, 2005.
- GONÇALVES, J. V. Wanda de Aguiar Horta: biografia. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 22 (n.especial): 3-13, jun. 1988.
- GUIMARÃES, C. M. Autonomia profissional em Enfermagem. 1. ed. Goiânia: PUC Goiás, 2014. Autonomia profissional em Enfermagem: Construindo realidades e derrubando utopias / Organizadora Celma Martins Guimarães. – Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2014.
- GUIMARÃES, C. M. Saúde coletiva e enfermagem em Goiás. 1 ed. Goiânia: PUC Goiás, 2015. Saúde coletiva e enfermagem em Goiás. (1960-2010): articulando trajetórias e construindo utopias? / Organizadora Celma Martins Guimarães. – Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2015.
- HAUSER J.From Transformation to Negotiation: A Female Mission in a “City of Schools”. *Journal of World History*. 2016; 27(3): 473-496
- LIMA, T. G. F. M. S.; BAPTISTA, S. S. Circunstâncias de criação das escolas de enfermagem do estado do Rio de Janeiro. Volume 4, número 2, agosto 2000.
- LIMA, V. S. M.; GUIMARÃES, R. F. Enfermagem: arte ou ciência? *Revista da JOPIC* [Internet]. 2020, v. 3, n. 6. Disponível em: <http://www.revista.unifeso.edu.br/index.php/jopic/article/view/1908/808>.
- MANCIA, Joel Rolim; SALLES, Eliane Brandão; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Olga Verderese: uma vida para a enfermagem. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 61, n. 1, p. 122-124, Feb. 2008.
- MENDES, I. A. C., *et al.*, A REBEN no Contexto da história da enfermagem brasileira: a importância da memória de da Glete de Alcântara. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 55, n. 3, p. 270-274, maio/jun. 2002.
- NASCIMENTO, M.E.B; OLIVEIRA, M.C.B. Caminhos e Desafios da Enfermagem no Brasil. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n.23, p. 131–142, set. 2006.
- OGUISSO, TAKA. Trajetória histórica e legal da enfermagem. 2. Ed. Barueri-SP: Manole, 2007.
- OGUISSO T, CAMPOS PFS. Por que e para que estudar história da enfermagem? *Enfermagem em Foco* 2013;4(1):49-53.
- PADILHA, S.C.M. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. 2005. *RevBrasEnferm* 2005 nov-dez; 58(6):723-6.
- PADILHA, M. I.; NELSON, S.; BORESTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [Internet]. 2011. v.18 supl.1. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702011000500013&script=sci_ar_ttext&tlng=pt.
- PAIXÃO, W. Professora de ética e história da Enfermagem da Escola de Enfermagem Ana Nery da U.F.R.J. 5 ed. Rio de Janeiro, 1979.
- PASSOS, E. De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2012, 198p. ISBN 978-85-232-1175-2. Available from SciELO Books.
- PETRY, S. *et al.* Autonomia da Enfermagem e sua trajetória na construção de uma profissão. *HistenfermReveletronica* [Internet]. 2019;10(1):66-75. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v10/n1/a7.pdf>.
- PORTO, Fernando; AMORIM, Wellintgon. História da Enfermagem. 2ªed. São Caetano do Sul-SP: YEMDIS, 2013.
- QUEIRÓS, P. J. P. et al. Significados atribuídos ao conceito de cuidar. *Rev. Enf. Ref.* [Internet], 2016 vol.serIV no.10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16022>.
- REZENDE, J. M. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. O juramento de Hipócrates. pp. 31-48. ISBN 978-85-61673-63-5.
- ROTHER ET. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta paul. Enferm* 2007; 20(2):v-vi. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- SAHAGOFF. A.P., Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana, 2015.
- SANTOS, B.E., ASSIS, F.M.; MENESES, O.R. Legislação em Enfermagem, 2006. Legislação em Enfermagem/Elaine Franco dos Santos et al., São Paulo Editora Atheneu, 2006.
- SANTOS, T.C.F., BARREIRA. J.A.B., Rachel Haddock Lobo, mito de enfermagem nos anos 30, p.29-38, 2002.
- SILVA, T. A.; FREITAS, G F.; TAKASHI, M. H.; ALBUQUERQUE, T. A. Identidade profissional do Enfermeiro: uma revisão de literatura. *Enfermeria Global* [Internet]. 2019. n.54, p:576-588. Disponível em: http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v18n54/pt_1695-6141-eg-18-54-563.pdf.
- SILVA, L. M. F.; SCORSOLINI-COMIN, F. Na sala de espera do terreiro: uma investigação com adeptos da umbanda com queixas de adoecimento. *Saude soc.* [Internet]. 2020. vol.29 no.1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902020190378>.
- SOUSA, F. E. M. *et al.*, Percepção de estudantes de enfermagem acerca da profissão. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, Fortaleza, v. 11, n. 4, p. 110-117, 2010.
- STEWART I, DOCK L. Porque estudamos a história da enfermagem. *Rev. Bras. Enf.*1977; 30; 82-92.